

A democracia, o Colégio Eleitoral e a razão política

Mauro Santayana (*)

A irracionalidade dos ingênuos favorece sempre a insânia dos perversos — esta é uma dura lição da experiência humana. Agora mesmo, em nosso país, assistimos a uma exaustiva peleja entre a razão e o desvario. A razão, como sempre, se encontra equidistante dos extremos, e deve confrontar-se com a paranoia da direita e as fantasias infantis de uma esquerda abastada.

Em política — e é de política que tratamos — quem perde a lucidez perde a causa. A lucidez primeira, quando disso se trata, é compreender a relatividade dos meios e dos fins. O conhecido pensador de Frankfurt e Berkeley, que esteve na moda nos anos 60, Marcuse diz-nos que a história é a realização do possível no interior do necessário. E, como história significa política, só o que é possível é político. Tudo mais é demasia ou carência.

Não se entenda, disso, que não deva haver ideais para além do horizonte das possibilidades. A permanente busca do necessário (no ideal de cada um) deve subordinar-se às exigências de cada dia. O necessário não chega da noite para a manhã, mas vai sendo construído, pouco a pouco, com o material do possível.

Dentro de cento e poucos dias irá reunir-se o Colégio Eleitoral, em Brasília, para eleger o futuro presidente da República. O PMDB e a Frente Liberal do PDS a ele comparecerão, com o objetivo de eleger o candidato opositorista e, em se-



ficiará o candidato do governo.

Cobram, tais puristas, coerência ao principal partido da oposição. Coerência não apenas contra o Colégio Eleitoral, mas coerência também no caso de sua aliança com a Frente Liberal. Ora, não há nenhuma incoerência nos líderes do PMDB. Basta examinar, rapidamente, a história da oposição brasileira, nos últimos vinte anos, para afeirir e entender a lucidez de seu comportamento político.

Extintos os antigos partidos, depois da vitória dos srs. Francisco Negrão de Lima e Israel Pinheiro, homens como Tancredo Neves e Ulysses Guimarães aceitaram as regras do jogo e fundaram o MDB. Era seu objetivo a restauração da democracia no País, por meio da difícil luta política. Enquanto o sistema ia impondo, mais e mais, sua legislação de

arbitrio, os dirigentes do MDB procuravam ampliar as bases do partido, com paciência e destemor. Outros, sob o argumento de que a ação política, dentro das regras impostas, era a justificação do regime, preferiram diferentes caminhos. Qual, no entanto, foi a melhor tática?

Pouco a pouco, combatendo em duas frentes, contra o sistema e contra os que pregavam o cruzar dos braços, pôde o MDB crescer e estimular uma grande frente civil. Foi essa frente democrática que obteve importantes vitórias, como o fim da censura à imprensa, a relativa liberdade eleitoral de 1974 (que deu ao MDB expressiva votação), a extinção do AI-5, a anistia e, por fim, as eleições diretas para os governos dos estados. Neste momento, apesar de o governo haver impossibilitado as eleições diretas, chegam os que fundaram o partido ao

grande momento: a conquista da Presidência da República.

O povo e o MDB sempre caminharam juntos. Se os líderes partidários se orientavam pela realpolitik, ao povo nunca faltou o sentido de sua sobrevivência como Nação. Por isso, desovou os que pregavam o voto em branco e apoiou os que buscavam o possível dentro do necessário. Assim, pacientemente, mas com firmeza, pudemos chegar à caqueixa do sistema, vencendo também o imobilismo dos puristas.

O entendimento entre o povo e o seu partido tornou possível as belas jornadas políticas de novembro de 1982, a campanha pelas diretas neste ano e o grande comício de Goiânia, que, por si só, ratifica o apoio popular à Frente Ampla.

Há duas formas de se exercer o poder: pela força

e pelo consentimento. As minorias só podem exercê-lo pelo arbitrio. As maiores só o conseguem pelo convencimento. Se os novos aliados do PMDB, que deixaram o partido situacionista, convenceram-se de que é preciso derrubar o solerte aventureiro, por que lhes fecharmos as portas? É melhor que tenham vindo com seus votos, arregimentados pela consciência do grave instante de perigo, do que com eles permanecerem na outra margem da História.

Compreenderam, a tempo, que nenhuma lealdade se pode sobrepor à lealdade para com a Pátria. Os partidos fazem-se e se desfazem de acordo com as circunstâncias do tempo político, mas a Pátria é eterna. Colocar, sobre seus interesses sagrados, lealdades a efêmeros agrupamentos de homens e suas razões passageiras é conduta inominável.

Dizíamos, no início deste artigo, que a inocência, em certas ocasiões, favorece a insânia. A extrema direita tem encontrado no radicalismo, que se diz de esquerda e que se apresenta muitas vezes com o manto da perfeição ética, indispensável aliado. Em 1931 e 1932, quando avançavam os nazistas, setores da social-democracia e do Partido Comunista Alemão negaram-se a apoiar uma saída de centro para a crise política, sob o argumento de que a Alemanha não era a Itália, onde o fascismo chegara ao poder.

“E um sonho maravilhoso” escreveria em seu diário, no dia 31 de janeiro de 1933, Joseph Goebbels, logo depois que seu amo se tornara chanceler do Reich, para instaurar a loucura como a razão do Estado.

(*) Escritor e jornalista.

guida, restaurar, no País, todos os ritos democráticos, entre eles o das eleições diretas. Uma parcela da oposição, à qual estranhamente se reúnem novos e radicalíssimos cristãos, como o governador de Santa Catarina, considera impuro e repelente o ato de ir ao Colégio. Pretende dar o seu testemunho de assepsia. Ocorre que, em política, não há terceiro caminho, sobretudo no caso brasileiro. A ausência só bene-